

FALO ORGÁSTICO E VAGINA DERROTADA: AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM CASA-GRANDE & SENZALA E SUAS PERMANÊNCIAS NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA

Francisco Wesley Oliveira Mendonça¹
Dayse Oliveira de Menezes²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir através de uma análise historiográfica, a relevância da obra *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, nas permanências que se referem à temática das relações de gênero entre as três etnias (indígena, europeia e africana) para explicar a formação da sociedade brasileira. Buscou-se analisar ainda o contexto histórico onde a produção freyriana se insere e o que Gilberto Freyre, enquanto integrante de uma elite, objetivou registrar como elementos constituintes da formação de nossa sociedade. Analisa-se também o pioneirismo e antecipação de seu discurso à Nova História através de seus estudos sobre o social e o cultural, bem como suas inovações no que diz respeito às fontes históricas e os novos sujeitos inseridos na escrita da história a partir de 1933. Apesar das contestações que *Casa-Grande & Senzala* recebe, esse clássico da historiografia brasileira se mantém como referência para aqueles que se propõem a estudar a visão dos ensaístas da década de 1930, período em que muitos, como Gilberto Freyre, legitimaram a formação da sociedade brasileira a partir da sexualidade. Tal importância e influência confirmam-se ao passo que autores contemporâneos perpetuam seu discurso muitas vezes sem tecer críticas aos possíveis problemas por outros detectados.

Palavras-Chave: Gilberto Freyre. Relações de gênero. Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura através de uma análise historiográfica perceber como o sociólogo Gilberto Freyre influenciou e ainda influencia estudos acerca das relações interétnicas e de gênero a partir das relações sexuais ocorridas desde

¹ Psicólogo Social/Comunitário graduado na Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculado atualmente à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Email: weslay@unilab.edu.br.

² Licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; Docente da rede municipal de ensino do Município de Paracuru. Email: dayseoliveira_historia@hotmail.com

períodos que remontam a colonização dessas terras no século XVI. Abordaremos brevemente o contexto no qual a produção de Gilberto Freyre se insere, o meio social em que este viveu e, com isso, o que o impulsionou a registrar como elementos constituintes da formação da sociedade brasileira. Em seguida, com base no caráter sexual de seu discurso e o papel secundário exercido pela mulher nesse meio social, que segundo ele fora resultante do sistema patriarcal, estabeleceremos um diálogo entre Freyre (2006) e Quintas (2008) com o intuito de confirmar essas permanências da escrita freyriana em autores contemporâneos.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS INOVAÇÕES DE GILBERTO FREYRE NA ESCRITA SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL NA DÉCADA DE 1930

Gilberto Freyre, ao escrever de forma ímpar para o período de 1933 sobre a história do Brasil, buscou suas raízes no período colonial, do qual rompeu com os discursos de cunho político vigentes, abordando assim o aspecto cultural. Lançou outro olhar sobre a sociedade na qual estava inserido e enfatizou a importância do negro na formação do Brasil enquanto nação. As interpretações sobre o passado ocorreram fundamentadas não mais em fatos políticos realizados por grandes personagens, mas através do cotidiano de pessoas simples, das experiências vividas por esses novos sujeitos, bem como da troca de valores culturais entre esses.

Segundo Peter Burke, há um paralelo que para ele não recebeu a devida atenção por parte de muitos pesquisadores. Tal observação fundamentou-se na relação estabelecida entre a “chamada ‘nova história’ pregada e praticada na França a partir da década de 60 e a história que Gilberto Freyre escreveu a partir da década de 30”³, ambas marcadas pela utilização de novos objetos e novas fontes de pesquisa o que ocasionou a inserção na escrita da história de sujeitos que outrora foram postos à margem desta. O autor afirma que assuntos relacionados à alimentação, habitação, vestuário, infância, mulher, família, sexualidade foram

³ BURKE, Peter. **Gilberto Freyre e a nova história**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, v.9, n. 2. pp. 1-12, out. 1997.

abordados uma geração antes por Gilberto Freyre, especialmente em seus estudos sobre o Brasil colonial⁴. Inovou ainda no que diz respeito à utilização das fontes, já que não se deteve apenas à documentação oficial, pois além de realizar análises a partir de registros de viajantes do período colonial e documentos referentes às visitas inquisitoriais (esses últimos imprescindíveis para uma melhor compreensão sobre as regras morais que norteavam a vida na colônia, bem como suas transgressões), buscou também respostas as suas inquietações em diários, cartas, anúncios de jornais, arquitetura, material iconográfico entre outros.

Helena Bocayuva observou que na condição de “intelectual, filho de uma elite aristocrática de um país cuja população era considerada inferior pelos paradigmas racistas”⁵, Freyre objetivou transformar o aspecto considerado por muitos negativo (a “possível devassidão” que aqui ocorreu em início da colonização), em uma visão mais harmoniosa com a ausência de conflitos entre as três etnias predominantes na formação do Brasil, o que acabou por gerar uma concepção de “promiscuidade sexual”, brasileiros “hipersexualizados, incontidos, vorazes e cheios de volúpia”⁶.

3 FALO ORGÁSTICO E VAGINA DERROTADA: AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM CASA-GRANDE & SENZALA E AS PERMANÊNCIAS DO DISCURSO DE GILBERTO FREYRE NA CONTEMPORANEIDADE

As relações de poder existentes no que diz respeito à etnia e gênero são bastante presentes nas obras freyrianas, com ênfase no papel desempenhado pela mulher no seio da sociedade colonial. Apesar das contestações que a obra em questão recebe, diversos estudiosos que se propõem em tratar dessa temática acabam por legitimar o discurso de Freyre, no que diz respeito à submissão feminina no regime patriarcal, o que acaba por criar uma identidade fixa da mulher na colônia, na qual a branca apresenta-se virtuosa, comparada muitas vezes a Virgem Maria, as

⁴ Ibid., pp. 1-2.

⁵ BOCAJUVA, Helena. **Erotismo à brasileira: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 47.

⁶ Ibid., p. 39.

índigenas e negras (essas últimas na condição de escravas) dotadas de sensualidade e lascívia, sempre aptas aos prazeres da carne. Essa abordagem é perceptível na escrita da antropóloga Fátima Quintas⁷, que se propôs a perpetuar o discurso freyriano ao passo que observamos certa ausência de questionamentos acerca de suas obras. Freyre continua a exercer um papel fundamental nas análises sobre a mulher, figura por ele apresentada como subserviente, tendo como consequência o triunfo do homem nas relações interétnicas e de gênero.

Para o povoamento do Brasil seria necessário que houvesse mulher branca na colônia com o intuito de que o modelo de casamento existente na metrópole fosse mantido. Uniões entre iguais para aumento do patrimônio e manutenção de privilégios. Conforme Maria Beatriz Nizza da Silva, “casar-se com mulheres nativas ou negras escravas não teria o mesmo ‘tom’ que casar-se com mulheres da corte, e, diante desse entendimento dos colonos,urgia que viessem para a colônia mulheres brancas”⁸. Entretanto, devido à “escassez de gente” na própria metrópole, as relações interétnicas na colônia tornaram-se mais flexíveis.

O ambiente inicial da colônia portuguesa segundo a abordagem freyriana mostrou-se bastante propício para os deleites sexuais, uma vez que a terra encontrava-se povoada por gente nua, aliada que foi aos desejos lascivos dos portugueses sedentos de carne devido às longas viagens da Europa para este lugar. A Índia apresentava-se mais libidinosa que o índio e encontrou no europeu o parceiro perfeito para suas práticas sexuais. Afirma ter sido essas relações de caráter puramente sexual por parte do europeu, “amor físico com gosto só de carne”, como denominou e dificilmente houve relações de fato afetivas. A submissão da nativa parte da perspectiva do seu deslumbramento diante do lusitano, este “bastante soberano em arrogância fálica”⁹.

⁷ QUINTAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal**: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. São Paulo: Global, 2008.

⁸ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: EDUSP, 1984. Apud. NADER, Maria Beatriz. **Composições familiares e gênero**: a historiografia brasileira em foco.

⁹ QUINTAS, op. cit., p. 28.

Outro fator preponderante para a ocorrência desse sadomasoquismo deve-se à experiência sexual do europeu em detrimento da pureza dos nativos no campo da sexualidade. Tal dominação pode ser explicada a partir do contato de culturas, em que uma submete a outra no campo das relações sociais e até mesmo sexuais por considerar-se superior. Segundo Quintas, moralidade e sexualidade andam juntas e as sociedades ditas permissivas correspondem um conjunto de valores menos conservador. Afirma ainda que essa subordinação foi favorecida pela idealização da suposta superioridade de raça, o que estimulou na mulher gentia o desejo por relacionar-se com o colonizador¹⁰.

As vivências ou as práticas dos sujeitos históricos jamais podem ser vistas e compreendidas isoladas do contexto cultural em que são produzidas e difundidas e que lhes confere um sentido próprio e específico. Em outras palavras, para tentarmos decifrar os comportamentos sexuais característicos de uma determinada sociedade, é preciso tentar penetrar no universo complexo de seus valores, crenças, mitos¹¹.

Com isso, faz-se necessário perceber que tal permissividade não deve ser encarada por uma total flexibilização da moralidade entre os indígenas, pois se trata de culturas distintas nas quais os valores conseqüentemente também o foram. Não se pode atribuir ao restante do mundo as regras morais que vigoravam na Europa Moderna, em especial em Portugal, este imbuído de princípios católicos no período em questão. “[...] Injeções moralizantes foram de pronto aplicadas com a finalidade de erradicar as terríveis manchas do pecado. O diabo parecia solto nas terras do pau-brasil”¹². Entretanto, muitos dos responsáveis em difundir essas condutas fundamentadas em princípios cristãos colaboraram para suas transgressões.

O próprio Freyre em sua afirmação de que o início da sociedade brasileira foi de “quase intoxicação sexual”, não se limita apenas a essa concepção de libertinagem desenfreada, já que em outro trecho defende a ideia de não ter sido de total desbragamento a vida sexual dos nativos, mas repleta de restrições. É certo que expõe a poligamia como característica dos grupos indígenas, porém esta

¹⁰ Cf. - QUINTAS, op. cit., pp. 25-29

¹¹ ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p 445.

¹² Ibid., p. 445.

possuía uma explicação para sua ocorrência principalmente para os chefes e os mais fortes da tribo. Denotava perante aos demais a capacidade de manterem famílias numerosas. Os viajantes relatavam perplexos à moral sexual indígena, pois esta se apresentava bastante diversa da que seguiam ou pelo menos supunham seguir. Freyre entende esse posicionamento a partir de divergências morais existentes e afirma ainda ter sido o europeu o mais luxurioso das duas etnias¹³.

O intercurso sexual entre os indígenas desta parte da América não se processava tão à solta e sem restrições [...]; nem era a vida entre eles a orgia sem fim entrevista pelos primeiros viajantes e missionários. [...] a inocência de certos costumes – como o de oferta de mulheres ao hóspede – praticados sem outro intuito senão o de hospitalidade. O que desfigura esses costumes é a interpretação dos observadores superficiais¹⁴.

Nesse trecho, Freyre visivelmente critica as interpretações feitas pelos viajantes e religiosos através de seus relatos sobre a vida sexual do povo autóctone, do possível caráter orgástico de suas práticas, o que acaba por transformar rituais simples do cotidiano indígena em violações das leis morais segundo os preceitos do catolicismo.

No que se refere às relações incestuosas há um aspecto que merece destaque: a noção de parentesco que permeava a cultura indígena. Segundo o padre Anchieta, “os indígenas tinham para si como parentesco verdadeiro, o que vinha pela parte dos pais que são os agentes e que as mães não são mais que uns sacos [...] em que se criam as crianças”¹⁵. Partindo desse princípio e utilizando novamente o exemplo dos Tupis, era bastante comum a união de tios maternos com suas sobrinhas. Quanto aos tios paternos tais uniões não eram aceitas nos clãs. A menina indígena se referia ao seu tio paterno também como “pai” e em caso de morte do seu progenitor ficava a moça sob responsabilidade de seu tio¹⁶.

Contudo, é indiscutível a contribuição da nativa e posteriormente da negra no povoamento da colônia devido à escassez de gente branca, essa também

¹³ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. 167-172.

¹⁴ *Ibid.*, p. 170.

¹⁵ Informação dos casamentos dos índios do Brasil pelo padre José d'Anchieta, Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., vol. VIII. Apud. FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. pp. 169-170.

¹⁶ *Ibid.*, p. 171.

presente em terras lusitanas, além de atuarem como elementos essenciais na satisfação e realização das fantasias dos europeus nos trópicos.

Parafraseando Freyre, a escassez de gente branca na colônia juntamente com o cultivo da cana exigiu do sistema patriarcal um processo de “adultização”, este se não ocorresse pelo aspecto biológico que se concretizasse a partir de uma perspectiva comportamental, sendo esse último o mais comum na esfera do patriarcalismo. “O Brasil carecia de homens e mulheres. Fabricá-los rapidamente, era a meta norteadora. [...] Em última instância, o que se cobiçou foi a idealização do adulto. [...] Mulheres de um lado, homens do outro. Crianças por pouco tempo”¹⁷.

A menina ou moça portuguesa em terras coloniais esteve na maior parte do dia confinada na casa-grande e reclusa em sua alcova sob a vigilância dos mais velhos obviamente de confiança. À noite essa vigilância aumentava. A essa reclusão Freyre denominou de isolamento árabe em se tratando de “sua ortodoxia ideológica e principalmente, física”¹⁸. A partir da exclusão feminina do âmbito social, tornou-se possível a manutenção e rigidez do poder masculino na tomada de decisões em uma sociedade regida por princípios patriarcais, com clara segregação de papéis no que diz respeito ao gênero.

O isolamento com o qual a mulher se viu obrigada a “venerar” ocasionou sérias conseqüências psíquicas: afastou-se da rede social e contribuiu para a “mansidão muçulmana”, tão secularmente observada pelo mundo árabe feminino. [...] Pálida virgem à espera do casamento – frágil, fragilíssima, pronta para ser engavetada dentro do manto protetor do macho¹⁹.

O marco divisor da infância para a idade adulta da menina portuguesa em terras coloniais baseou-se no ritual da primeira comunhão que ocorria por volta dos nove ou dez anos de idade. Neste momento, estava pronta a moça para o sacramento do matrimônio, o qual se concretizava geralmente entre doze a quatorze anos. Com essa “inserção no mundo adulto”, a sinhazinha esperava ansiosa por um bom casamento e este que se realizasse o mais rápido possível, pois chegar aos quinze sem casar-se era sinônimo de transformar-se em “solteirona” e sofrer as

¹⁷ Cf. - QUINTAS, op. cit., p. 58.

¹⁸ FREYRE, op. cit., p. 421.

¹⁹ QUINTAS, op. cit., p. 55.

humilhações que tal condição trazia consigo perante a sociedade, motivo de vergonha para a família. Quanto ao menino, essa transição significava a “permissividade à sifilização, isto é, ao aprendizado da virilidade”²⁰, experiência vivenciada na maioria das vezes com as negras ainda mocinhas ou com as mucamas que circulavam no espaço da casa-grande.

Casamentos realizados por meio de alianças, “tão freqüentes no Brasil desde o primeiro século de colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens”²¹. Matrimônios de moças com homens muitas vezes, dez, quinze ou vinte anos mais velhos. O amor, a paixão, a atração física eram postos em segundo plano nessas relações. Vainfas supõe ser impossível determinar o grau de valorização da cerimônia do matrimônio, porém o que se pode afirmar era a importância do estado de casados entre si, motivo de honra para a família²². Quintas, por sua vez entende esse momento, como a possibilidade de ostentação dos bens dos familiares dos nubentes, pois era considerado o maior rito de passagem do sistema patriarcal. Festas com exageros. Segundo a autora:

O reconhecimento social do status familiar estava em jogo. Era chegada a hora de queimar os cartuchos na aclamação do êxito do açúcar. Evidências econômicas, evidências pessoais. Dever-se-ia bombear sinais de sólidas prosperidades. Escravos, bens, riquezas. Quanto maior o brilhantismo, maior o grau de poder. O fascínio da casa-grande media-se muitas vezes pelo sucesso nessas festas: funcionavam elas como termômetro indicativo do prestígio do senhor de engenho. Não se poupavam esforços no sentido de levar às “últimas conseqüências” os detalhes da solenidade e, adjetivamente, indicar o demonstrativo de arrogância e fausto²³.

Como se pode observar, a cerimônia do casamento era de suma importância para a legitimação e triunfo do regime patriarcal. Era um dos mecanismos em que os senhores de engenho tinham a oportunidade de demonstrar seu poder na região. Por conta disso não se importavam com os gastos das festas, que muitas vezes

²⁰ Cf. - QUINTAS, op. cit., pp. 60-62.

²¹ FREYRE, op. cit., pp. 424-425.

²² VAINFAS, R. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol. 1. p. 93. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/artigos/vainfas_moralidades.pdf>. Acesso em: 27. dez. 2009.

²³ 23QUINTAS, op. cit., p. 74.

duravam de seis a sete dias. O reconhecimento social apresentava muita relevância na afirmação do patriarcalismo, enquanto principal instituição do período colonial.

Cumprido salientar outro fator que também merece destaque com relação ao período em análise: a virgindade. Com o homem, a ausência de experiência sexual levantava dúvidas no que se refere à virilidade e masculinidade. Já com a mulher, ocorria o oposto, esta deveria permanecer virgem até a noite de núpcias, o hímen era considerado “objeto” de ambição masculina. A virgindade associava-se ainda à jovialidade²⁴. Segundo Freyre, a mesma “só tinha gosto quando colhida verde”, pois depois de certa idade “já não conservavam o provocante verdor de meninas-moças apreciados pelos maridos”²⁵. Acrescenta-se a essa ideia, as relações de poder existentes entre homens e mulheres, em que essas quanto mais novas fossem mais facilmente sujeitavam-se ao domínio masculino. Freyre afirma que até meados do século XIX ainda era comum os matrimônios de moças bastante jovens com homens de até setenta anos²⁶.

A partir dessa preferência masculina e para sua compreensão na contemporaneidade é interessante e faz-se necessário relacionar essa concepção ao envelhecimento precoce das *sinhas-donas*, consequência dos sucessivos partos a que se submetiam (quando não morriam no primeiro), além de serem mais aptas ao domínio do sexo oposto devido a pouca idade e por efetivarem como mencionado, o projeto de povoamento colonial.

O casamento representou para a portuguesa o início do desgaste. Mulheres engordando aos dezoito anos, matronas aos vinte, assim, perdiam a feminilidade de outrora. Má alimentação e gestações sucessivas colaboraram para essa modificação no corpo da portuguesa. “A gula, que se propagou entre as mulheres coloniais, justificou-se pela insatisfação humana: caminho catalisador de desajustes sexuais e sociais”. Aos vinte e cinco anos aparentavam sessenta. Quanto aos homens, estes conservaram melhor o físico, por serem menos sedentários que as *iaiás*, apesar de passarem a maioria do dia deitados em redes dando ordens aos cativos e copulando com as escravas, andavam a cavalo e percorriam o canavial²⁷.

²⁴ 24Cf. - QUINTAS, op. cit., pp. 71-72.

²⁵ 25FREYRE, op. cit., pp. 429-430.

²⁶ 26Ibid., p. 429.

²⁷ Cf. - QUINTAS, op. cit., pp. 103-105.

As diferenças existentes entre os gêneros quando entendidas como desigualdade criam conseqüentemente, a concepção de inferioridade e superioridade, concepção essa socialmente construída que colabora na hierarquização entre o homem e mulher. A meiguice e a doçura foram confundidas com passividade, instrumento indispensável ao domínio colonial.

Quintas apesar de não discutir sobre o assunto em sua obra questiona brevemente acerca dessa submissão feminina. Levanta a hipótese de que a suposta subserviência da portuguesa ocorreu devido a “impossibilidade física de ultrapassar os limites das grossas paredes da quadratura do engenho”²⁸.

Vainfas, por sua vez se propôs a discorrer sobre esse assunto mais minuciosamente. Aborda que não fora de total submissão a relação da mulher portuguesa com o pai e posteriormente com o marido. Concorda em alguns aspectos quando afirma que a vigilância sobre as mulheres da família, controle da esposa, decisão sobre o casamento das filhas, foram alguns traços inequívocos de nosso antigo patriarcalismo. Muitas delas eram enviadas para conventos (esses existentes em menor quantidade no Brasil em decorrência do projeto de povoamento) ou recolhimentos com o intuito de preservar a virgindade ou ainda para manterem o patrimônio familiar intacto. Muitas mulheres casadas também foram enviadas aos recolhimentos durante a ausência dos maridos ou ainda como local de correção para as mulheres cuja conduta deixava a desejar. As práticas adúlteras foram comuns, principalmente na ausência do marido em caso de viagens, uma vez que a maioria dessas mulheres não casava por questões afetivas²⁹. Expõe não ter sido a vida da mulher de total obediência, pois muitas vezes essas encontravam nesses espaços a possibilidade de livrarem-se das amarras do pai ou do marido. Tal percepção é plausível, haja vista que não é atitude prudente nem tampouco coerente, tecer generalizações de comportamentos em uma sociedade tão complexa como a colonial, regida sob o regime patriarcal como foi o caso do Nordeste.

A respeito dos africanos na condição de escravos, esses tiveram seus corpos apropriados pelos seus “donos”. “Eram os pés e as mãos” do senhor da

²⁸ Cf. - QUINTAS, op. cit., p. 53.

²⁹ Cf. - VAINFAS, R. Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Campus, 1989. pp. 128-129.

sociedade colonial. As mulheres negras além dessas funções serviram ainda como ventre gerador e multiplicador de mão de obra. Houve a substituição da índia pela negra, tanto nos afazeres domésticos quanto na cama assumindo o posto de concubina.

Dentre as preferências sexuais dos portugueses pelo menos para o amor físico estavam as morenas, ou seja, índias, negras, mulatas e mouras, consideradas mais atraentes que as brancas. As práticas sexuais com as negras e mulatas, essas muitas vezes com apenas dez anos de idade serviram como um mecanismo utilizado para preservar a honra das sinhás e sinhaszinhas brancas³⁰. As mulatas eram as preferidas, pois por serem mestiças eram mais vorazes sexualmente. Sua aparência e ardência sexual, fora do comum, provocaria desejos lascivos nos homens brancos sempre sedentos de sexo³¹. Terá sido o fator mestiçagem o responsável pela suposta licenciosidade desregrada das mulatas ou a lascívia do branco que submeteu essas mulheres aos seus caprichos sexuais? Pois o que se sabe sobre aquisição de escravos o senhor além de considerar-se dono da mão de obra, estendeu tal domínio aos corpos e às vontades de suas mais recentes posses.

No seio da casa-grande em se tratando das relações com o senhor no âmbito sexual a mucama exerceu papel fundamental. As negras mais bonitas eram escolhidas para serem concubinas e domésticas, o que causou diversos conflitos com as sinhás enciumadas. As pretas velhas e as amas de leite, ao contrário das mucamas ocuparam lugar respeitado no regime patriarcal realizando funções inerentes ao espaço doméstico e de mães, respectivamente.

Havia faceirice na mucama. Uma alegria ingenuamente maliciosa. Corpo atlético, pele macia, dentes alvos e bonitos, trazia ela a fleuma de quem convive com a vida numa relação de prazer. Com jeito fogoso, transformava o cotidiano numa rotina agradável. Sem a lascívia da mucama, o que teria sido da casa-grande?³²

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1996. pp. 10;450. Apud. BOCAYUVA, Helena. op. cit., p. 95.

³¹ BOCAYUVA, op. cit., p. 96.

³² QUINTAS, op. cit., p. 111.

Os casamentos arranjados entre as elites dificultavam um caráter sensual nas relações entre os cônjuges, principalmente a partir do momento em que as sinhás submetiam-se a sucessivas gestações. As modificações sofridas em seus corpos eram inevitáveis. Ao contrário da senhora branca, o corpo da mucama resistiu ao tempo. Conforme Quintas, “a constância do trabalho funcionava como um elemento de conservação da beleza. Exercícios físicos involuntários proporcionavam a manutenção de um retrato cobiçado pelo macho”³³. A presença da mucama, com seu corpo a exalar erotismo romperam com os paradigmas vigentes e aguçou nos senhores desejos dos mais libidinosos possíveis. A resistência maior ao tempo e a lascívia são justificadas pela maior adaptabilidade da negra ao clima tropical, “roupas leves, corpos desnudos, pele bronzeada cercam o leque de atrativos e conferem uma circunstancial idade quase satânica”³⁴. O clima contribuiu em parte com o cenário libidinoso da colônia, porém não fora preponderante.

Outro fator utilizado para explicar a preferência dos senhores foi o de caráter psicológico, Atribuiu-se esse desejo sexual a partir das primeiras aproximações corporais com as amas de leite, através do simples ato da amamentação e posteriormente a constante presença das negras ou mulatas no cotidiano do *nhonhô* que o lançavam em suas iniciações sexuais. Houve casos na sociedade patriarcal de homens brancos que chegavam ao ápice do prazer somente quando copulavam com negras, ou ainda rapazes que se recusaram a casar seguindo os critérios patriarcais de igualdade social e econômica por que “só queriam saber de molecas”³⁵.

Logo, observa-se o destaque das relações sexuais na explicação da formação de nossa sociedade, relações essas vistas como capazes de suavizar os antagonismos existentes entre as três etnias. Diferenças que foram utilizadas apesar da noção de ausência de conflitos, para hierarquizar as relações sociais no Brasil em tempos coloniais. É perceptível ainda em Gilberto Freyre o papel secundário exercido pela mulher seja ela branca, indígena ou negra no seio da sociedade patriarcal. A contribuição feminina na escrita gilbertiana, bem como na maioria das pesquisas até mesmo recentes, limita-se à satisfação dos desejos carnis do

³³ Ibid., p. 112.

³⁴ Ibid., p. 134.

³⁵ 35Cf. - FREYRE, op. cit., pp. 367-368.

patriarca e à procriação, apresentando como fora dito neste trabalho, uma identidade fixa, inviabilizando muitas vezes, mudanças comportamentais por partes dessas mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma discussão bastante relevante que norteou de forma significativa a pesquisa refere-se ao fato de situarmos o lugar social de Freyre, bem como suas inovações na escrita sobre a história do Brasil. Consideramos essa abordagem bastante importante e até necessária, pois para entender sua obra é preciso primeiramente analisar o contexto histórico em que ela se insere.

Estabelecemos um diálogo entre o discurso freyriano com a recente produção científica, embasada em seu pensamento a partir das concepções que permanecem acerca das relações interétnicas e de gênero na sociedade colonial, situadas no espaço da casa-grande. Apesar das críticas à escrita de Freyre, notamos a considerável influência e perpetuação de seu discurso nos estudos contemporâneos no que diz respeito às relações sociais no período colonial, o papel secundário exercido pela mulher nesse momento que colaborou para consolidar o poder masculino na sociedade patriarcal, bem como o caráter sexual de seu discurso na explicação da formação da sociedade brasileira.

É de nosso conhecimento que as críticas são inevitáveis e até precisas para que a produção do conhecimento ganhe novas perspectivas. Porém, cumpre salientar que mesmo com uma escrita que posteriormente seja refutada, os méritos do autor e no caso deste trabalho, os de Gilberto Freyre são indiscutíveis para nossa historiografia. Todavia, tal pensamento é passível de desconstruções, pois dependerá do olhar lançado por outro pesquisador sobre o objeto em análise.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCAYUVA, Helena. Erotismo à brasileira: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, v.9, n. 2. pp. 1-12, out. 1997.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

QUINTAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal**: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. São Paulo: Global, 2008.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil Colonial. São Paulo: EDUSP, 1984. Apud. NADER, Maria Beatriz. **Composições familiares e gênero**: a historiografia brasileira em foco.

VAINFAS, R. **Trópico dos Pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol.1. Disponível em: http://www.historia.uff.br/artigos/vainfas_moralidades.pdf>. Acesso em: 27. dez. 2009.